VERITAS ANTIQUA
Revista de Arqueologia e Ciências Bíblicas

ISSN ????-????

A relação entre tipologia e intertextualidade

Jônatas de Mattos Leal[1]

Resumo: Tipologia é a principal maneira que os autores do Novo Testamento interpretam o Antigo Testamento, embora não seja a única. Por isso, o estudo sobre a relação entre Antigo e Novo Testamentos deve levar em conta esse campo de pesquisa. Embora a leitura tipológica do Antigo Testamento remonte aos próprios autores do Novo Testamento, muitos aspectos da teoria e prática da tipologia ainda são controversos hoje em dia. Entre eles estão a própria definição de tipologia, a distinção entre tipologia e alegoria, a presença ou ausência do elemento preditivo no contexto veterotestamentário e a relação entre tipologia e intertextualidade. Este trabalho lida com o último aspecto. Do ponto de vista metodológico, como tipologia é entendida à luz de padrões forjados pela promessa e materializados numa teia de correspondências no contexto canônico, a discussão sobre ela precisa levar em conta a questão da intertextualidade. Consequentemente, uma compreensão clara do reuso bíblico é fundamental em qualquer exploração sobre o tema, pois no final, tipologia só é reconhecida através do uso rico e multifacetado de paralelos. No que diz respeito à intertextualidade, muita confusão tem existido não apenas do ponto de vista metodológico como manifestado na aguda "paralelomania" que atinge a produção acadêmica na área, mas também do ponto de vista conceitual como manifestado na falta de clareza sobre o que intertextualidade realmente é. Aprofundar essa discussão, elaborando um melhor entendimento de intertextualidade através de um marco metodológico mais adequado para o seu uso, pode contribuir para a leitura tipológica do Antigo Testamento e da relação entre os testamentos.

Palavras-chave: Reuso; Tipologia; Intertextualidade; Metodologia.

[1] Doutor em Religião pela Andrews University. Reitor do Seminário Adventista Latino-Americano. E-mail: jonatas.leal@adventista.edu.br. ORCID: https://orcid.org/0009-0005-1742-9334

The relationship between typology and intertextuality

Abstract: Typology is the primary—though not the only—way New Testament authors interpret the Old Testament. Consequently, any study of the relationship between the Old and New Testaments must take this field of research into account. Although the typological reading of the Old Testament dates back to the New Testament authors themselves, many aspects of the theory and practice of typology remain controversial today. These include the definition of typology itself, the distinction between typology and allegory, the presence or absence of a predictive element within the Old Testament context, and the relationship between typology and intertextuality. This study addresses the latter aspect. From a methodological standpoint, since typology is understood in light of patterns forged by promise and materialized in a web of correspondences within the canonical context, any discussion of the subject must consider the issue of intertextuality. Consequently, a clear understanding of biblical reuse is fundamental to any exploration of the topic, as typology is ultimately recognized through the rich and multifaceted use of parallels. Regarding intertextuality, there has been considerable confusion—not only methodologically, as evidenced by the acute "parallelomania" affecting academic scholarship in the field, but also conceptually, due to a lack of clarity regarding what intertextuality actually is. Deepening this discussion—by developing a better understanding of intertextuality through a more suitable methodological framework—can contribute to the typological reading of the Old Testament and the relationship between the two Testaments.

Keywords: Reuse; Typology; Intertextuality; Methodology.

La relación entre tipología e intertextualidad

Resumen: La tipología es la principal forma en que los autores del Nuevo Testamento interpretan el Antiguo Testamento, aunque no la única. Por lo tanto, el estudio de la relación entre el Antiguo y el Nuevo Testamento debe tener en cuenta este campo de investigación. Si bien la lectura tipológica del Antiguo Testamento se remonta a los propios autores del Nuevo Testamento, muchos aspectos de la teoría y la práctica de la tipología siguen siendo controvertidos hoy en día. Entre ellos se encuentran la propia definición de tipología, la distinción entre tipología y alegoría, la presencia o ausencia del elemento predictivo en el contexto del Antiguo Testamento y la relación entre tipología e intertextualidad. Este trabajo aborda este último aspecto. Desde un punto de vista metodológico, dado que la tipología se entiende a la luz de patrones forjados por la promesa y materializados en una red de correspondencias en el contexto canónico, el debate sobre ella debe considerar la cuestión de la intertextualidad. En consecuencia, una comprensión clara de la reutilización bíblica es fundamental en cualquier exploración del tema, ya que, en última instancia, la tipología solo se reconoce a través del uso rico y multifacético de paralelismos. En lo que respecta a la intertextualidad, ha existido mucha confusión, no solo desde un punto de vista metodológico, como se manifiesta en la marcada tendencia a la paralelomanía que afecta la producción académica en este campo, sino también desde un punto de vista conceptual, como se evidencia en la falta de claridad

sobre qué es realmente la intertextualidad. Profundizar en este debate y desarrollar una mejor comprensión de la intertextualidad mediante un marco metodológico más apropiado para su aplicación puede contribuir a la lectura tipológica del Antiguo Testamento y a la relación entre los testamentos.

Palabras chave: Reutilización; Tipología; Intertextualidad; Metodología.

INTRODUÇÃO

Um aspecto importante no debate da tipologia hoje é a questão da intertextualidade. Uma vez que a tipologia é entendida como padrões em forma de promessa (Hamilton, 2014), que por sua vez são manifestados em uma rede de correspondências no contexto canônico, a discussão sobre tipologia necessariamente envolve intertextualidade. Consequentemente, uma compreensão clara do reuso nas Escrituras é fundamental em qualquer exploração do tópico, pois tipologia só é reconhecida por meio do uso rico e multifacetado de paralelos. De forma instrutiva, Hamilton (2014, p. 8) observa que "ver padrões tipológicos requer pensar em um relato à luz daqueles anteriores e posteriores. O estudo da tipologia equivale a uma reflexão ativa sobre uma passagem à luz de outras". Em resumo, "a tipologia lida com repetição" (Hamilton, 2014, p. 28).

O presente artigo tem como objetivo explorar a relação entre tipologia e intertextualidade a partir de uma pesquisa bibliográfica. Uma definição adequada dos conceitos envolvidos é fundamental visto que tipologia envolve o estudo de textos paralelos. A confusão no uso da tipologia muitas vezes está enraizada na falta de compreensão da relação entre tipologia e intertextualidade. Para alcançar o objetivo central, autor divide o estudo em três partes. Na primeira ele discute as definições de tipologia e intertextualidade para que a relação entre as duas disciplinas para se torne mais evidente. Em segundo lugar, ele explora a questão metodológica que está no centro do debate. E finalmente, ele analisa o papel da intenção autoral como fator chave para o estudo do reuso nas Escrituras.

DEFININDO TIPOLOGIA E INTERTEXTUALIDADE

Uma pletora de definições de tipologia bíblica tem sido sugerida ao longo dos anos. As diferentes definições refletem as visões dos autores sobre a natureza da inspiração, a relação entre os testamentos, o papel dos leitores na identificação de tipos. Idealmente, a partir da perspectiva do lema *Scriptura Scripturae Interpres* [“a Escritura é intérprete da própria Escritura”], qualquer definição de tipologia deveria emergir do próprio texto bíblico. A proposta de Davidson (1981, p. 421) fornece uma boa estrutura por permitir que a definição surja do texto bíblico:

> [...] o estudo de certas realidades histórico-salvíficas do AT (pessoas,

> eventos ou instituições) que Deus designou especificamente para corresponderem a, e serem prefigurações prospectivas-preditivas de, seus aspectos de cumprimento escatológico inevitável (*devoir-être*) e absolutamente escalonado (inaugurado/apropriado/consumado) dentro da história da salvação do NT.

A partir desta definição e do estudo do fenômeno ao longo do cânon, emergem quatro marcas da tipologia: historicidade, prefiguração, escalonamento e correspondência. Elas funcionam como critérios para estabelecer a presença da tipologia. Neste trabalho, lidamos com essa última. A presença de correspondências é um dos sinais mais evidentes de tipologia. Por isso, intertextualidade é uma questão central nos estudos tipológicos.

Há pouca dúvida de que "intertextualidade" se tornou a palavra da vez nos estudos bíblicos dos últimos anos. Conforme Eslinger (1992, p. 47-58) afirma, "dificilmente uma edição de revista passa sem um texto sobre algum aspecto da rede de ligações literárias". Fishbane (2000, p. 39) afirma que "intertextualidade é o centro da imaginação canônica". Contudo, apesar da importância e o papel estratégico da intertextualidade nos estudos bíblicos, há muita confusão sobre sua natureza e definição (cf. Carr, 2012).

Como resultado de definições concorrentes e confusas, "o termo intertextualidade tornou-se um termo guarda-chuva para uma gama diversificada de estratégias de leitura" (Oropeza e Moyise, 2016, p. xvii)[2]. Em muitos casos, o termo é usado para se referir livremente a qualquer tipo de relação entre dois textos. Nesse contexto, explica Wolde (1989, p. 43), "vários estudos bíblicos parecem inovadores à primeira vista, mas, na verdade, usam a intertextualidade como uma camada de verniz teórico literário moderno sobre a antiga abordagem comparativa". Nesse sentido, certos exegetas limitam-se a catalogar se Mateus citou, omitiu ou alterou Isaías. Para eles, a intertextualidade não passa desse exercício de classificação técnica, carecendo de uma interpretação mais densa (Wolde, 1989, p. 43).

A intertextualidade é uma abordagem pós-moderna a textos em geral (Vassar, 2007, p. 2). De fato, ela "não é um método, mas uma teoria (ou grupo de teorias) sobre a produção de significado" (Moyise, 2009, p. 23). O termo foi cunhado em francês por Julia

[2] Peter Miscall afirma que a intertextualidade funciona como "um termo que abrange todas as possíveis relações que podem ser estabelecidas entre os textos. As relações podem se basear em qualquer coisa, desde citações e referências diretas a alusões indiretas a palavras comuns e até mesmo cartas à dependência da própria linguagem" (Moyise, 1992, p.44).

Kristeva, que está ao lado de outros pós-estruturalistas influentes, como Jacques Lacan, Jacques Derrida, Roland Barthes, Michel Foucault e Louis Althusser (Allen, 2000).

Com base nos escritos de Ferdinand de Saussare e, especialmente, de Mikhail M. Bakhtin, Kristeva concebe a intertextualidade como um fenômeno cultural e psicológico inevitável. Como parte dos processos socioculturais, "cada palavra (texto) é uma interseção de palavras (textos) em que pelo menos uma outra palavra (texto) pode ser lida" (Kristeva, 1980, p. 66). Nesse contexto, a escrita é "uma leitura do corpus literário anterior e o texto como uma absorção e uma resposta a outro texto" (Kristeva, 1980, p. 69).

Se um texto é uma absorção e uma transformação de outros textos, "os autores não são originais e não criam nada de seus textos de mentes originais, mas compilados de textos já existentes" (Raj, 2015, p. 78). Assim, "os textos não são personagens isolados, mas discursos culturalmente moldados, formas de 'falar e dizer' sistêmicas/institucionais. O texto, por si só, não tem unidade ou significado unificado', mas faz parte dos processos socioculturais em andamento" (Raj, 2015, p. 78).

As consequências hermenêuticas são evidentes. À luz dessa "galáxia de significantes"[3] contida em um determinado texto, "nenhuma interpretação é completa, pois cada palavra é uma resposta a palavras anteriores e suscita outras respostas" (Allen, 2000, p. 27). Como o autor está morto ou, na melhor das hipóteses, está por trás de seu texto sem fornecer uma autoridade orientadora, o leitor se torna o produtor de significado (Voelz, 1989, p. 27). Beal (2000, p. 128-129) resume adequadamente o resultado dessa visão:

> [...] todo texto é um *locus* de sobreposições e colisões entre outros textos [...] a chegada a uma interpretação específica é sempre uma questão de exaustão e desespero. O rastreamento das relações intertextuais é interminável e, literalmente, sem sentido. Nossas definições comumente mantidas de textos escritos, temas de escrita, origens e tradições religiosas são todas questionadas e potencialmente dinamizadas pela teoria da intertextualidade.

Entretanto, é evidente que essa abordagem à textos é "inerentemente impraticável" (Vassar, 2007, p. 2) e não pode ser, como afirma Neusner (1987, p. xiii), "uma categoria operacional para a hermenêutica". Ele acrescenta que "podemos ler esses textos um a um, e fazemos bem em fazê-lo, mas não temos nenhuma razão, como uma

[3] Termo proposto por Roland Barthes. Cf. Hebel (1989, p. 10).

questão de interpretação literária, para invocar o convite ao caos representado pelo conselho: leia tudo à luz de tudo, em todos os lugares ao mesmo tempo".

Em sua crítica à intertextualidade pós-estruturalista, Charlesworth (1997, p. 204) observa que "afirmar que todo texto absorve e transforma outro texto [...] enfraquece a capacidade de perceber a diferença entre texto e pretexto e as importantes percepções que podem ser possíveis por meio da intertextualidade". Ele enfatiza que o texto, e não o leitor, deve governar a reflexão do intérprete.

À luz desses problemas práticos com o conceito pós-estruturalista de intertextualidade, alguns autores tentaram resgatá-lo por meio de uma abordagem mais orientada para o autor.[4] De fato, embora existam muitas abordagens à intertextualidade, "a maioria abordagens se enquadra em duas categorias principais: centrada no autor e centrada no leitor" (Vassar, 2007, p. 10).[5] As duas abordagens são evidentes no trabalho de Roland Barthes (centrado no leitor) e Harold Bloom (centrado no autor).

Embora um tratamento mais detalhado da questão esteja além do escopo deste resumo, algumas observações que explicam minha própria posição como autor são necessárias. Admito que o conceito pós-estruturalista de intertextualidade traz para a interpretação bíblica ênfases que os estudos críticos históricos geralmente ignoravam, como a importância do estudo sincrônico do texto bíblico. Também compartilho "a pressuposição de que qualquer leitura de um texto necessariamente leva em conta outros textos" (Vassar, 2007, p. 15), embora não de forma ilimitada.

De fato, nenhum texto bíblico é uma ilha (Miscall, 1992). No entanto, concordo com Tooman (2011, p. 11) quando ele diz que "as tentativas de ressignificar a 'intertextualidade' nos estudos bíblicos correm o risco de, na melhor das hipóteses, desorientar os leitores e, na pior, diluir o valor e a utilidade de nosso vocabulário técnico acadêmico". Por esse motivo, o termo "reuso" deveria ser preferido à "intertextualidade". Nesta linha, "reuso" significa o uso multifacetado de textos anteriores por um texto mais recente, incluindo citações diretas, alusões e ecos.[6]

---

[4] Schultz (2010, p. 19-38) é um exemplo dessa abordagem.

[5] Nielsen (2000, p. 17) admite que "O ponto de partida para minhas leituras intertextuais é a afirmação de que nenhum texto surge ou pode ser lido como uma unidade isolada. Ele é sempre parte de uma rede de textos. A maioria dos estudiosos provavelmente concorda com isso. As diferenças só aparecem quando começamos a discutir qual papel atribuir ao autor, ao texto e ao leitor, respectivamente".

[6] Novamente, não estou sozinho nessa decisão metodológica. Em sua pesquisa sobre Isaías, Benjamin Sommer também escolhe os termos alusão/influência em vez de intertextualidade. Cf. Sommer (1998). Kelly (2017, p. 25) observa que, ao procurar uma alusão literária, "os estudiosos em estudos bíblicos geralmente

TIPOLOGIA, INTERTEXTUALIDADE E CRITÉRIOS METODOLÓGICOS

O tópico mais debatido nesta área de estudo é o critério para identificar o reuso genuíno. De fato, a identificação do "uso deliberado de outro texto bíblico é repleto de dificuldades" (Tooman, 2011, p. 23). Não é exagero considerá-lo "o calcanhar de Aquiles de qualquer método que dependa da determinação de paralelos com outra literatura" (Paulien, 1987, p. 165). Uma vez que "as conexões podem ser coincidentes, com foco semelhante, mas derivadas independentemente, produtos de linguagem comum ou evidência de um repertório cultural compartilhado" (Kelly, 2017, p. 22), critérios sólidos devem desempenhar um papel importante na descoberta de alusões literárias legítimas.

Em uma tentativa de estabelecer salvaguardas contra o que alguns chamam de *paralelomania* ou *comparasionite* (Kelly, 2017) vários grupos de critérios foram sugeridos como antídotos. Em seu estudo sobre o Apocalipse, Paulien (1987, p. 179-185 propõe como fator interno três sinais de dependência literária: (1) paralelo verbal (pelo menos duas palavras significativas); (2) paralelo temático (contraste deliberado ou semelhança de tema); e (3) paralelo estrutural (ordenação semelhante de conteúdo). Com base nesses critérios, ele sugere que as alusões devem ser classificadas como: alusões certas, alusões prováveis, alusões possíveis, alusões incertas e não-alusões (Paulien, 1987, p. 193).

Mais recentemente, outro grupo de critérios foi sugerido por Keneth Bergland. Baseando-se no trabalho de Lyons (2009) e Tooman (2011), Bergland (2018, p. 103) sugere seis indicadores ou critérios que podem ser utilizados para estabelecer um caso de reuso:

> *Exclusividade*: um elemento, ou seja, um lexema, morfema ou sintaxe, é exclusivo das duas passagens paralelas; *Distinção*: um elemento pode não ser exclusivo de dois textos paralelos, mas é possível demonstrar que ele está especificamente associado a um determinado texto antecedente. *Inversão*: De acordo com a "lei de Seidel", a inversão pode ser um sinal de reuso; *Disponibilidade de opções*: se várias maneiras de formular uma ideia forem atestadas em um idioma, uma formulação específica compartilhada pode indicar reuso; *Correspondência temática*: assunto, tema ou argumento semelhante entre duas passagens; *Multiplicidade*: paralelos extensos, mesmo de elementos comuns, podem dar suporte a um caso de reuso.

reconhecem e privilegiam três atributos da alusão literária: uma forma identificável, um autor hermeneuticamente ativo e intencional e um leitor hermeneuticamente passivo e receptivo". Esses atributos desempenham um papel significativo em minha própria abordagem.

O que é importante observar aqui é sua insistência em chamar esses critérios de "indicadores" em vez de regras. Ele mesmo explica que, em vez de impor *critérios* como um conjunto de regras às quais os paralelos literários precisam estar em conformidade para serem determinados como casos verificáveis de reuso e direção de dependência, prefere adotar *indicadores* que podem nos ajudar a nos tornarmos mais sensíveis aos fenômenos textuais que podem implicar reuso e direção de dependência" (Bergland, 2018, p. 100). Ainda segundo Bergland (2018, p. 100), o problema de estabelecer uma série rígida de critérios como lista de verificação para determinar a reutilização reside em

> [...] nosso conhecimento limitado do reuso literária do Antigo Testamento, a infância dos estudos sobre a reutilização literária do Antigo Testamento e do interior da Bíblia, e a fluidez e a indefinição da influência literária e do reuso são todas razões pelas quais devemos ter cuidado para não pré-determinar ou definir rigidamente como deve ser o reuso interno da Bíblia.

Kelly (2017, p. 35) contempla o papel da linguagem compartilhada e da congruência lexical única como critérios para identificar alusões literárias. Embora ele admita a utilidade do critério de linguagem compartilhada, ele não deve ser considerado um critério essencial para determinar a dependência literária. Sua presença pode ser considerada um indicador inicial, mas o volume e a natureza da linguagem compartilhada devem ser analisados caso a caso.

O mesmo se aplica à congruência lexical única. O motivo é que o que pode parecer um uso raro e único de vocabulário para o leitor moderno pode não ser para o público original. Ainda segundo Kelly (2017, p. 35),

> [...] os limites do cânon ou os acidentes da história podem estreitar arbitrariamente nosso campo de visão e empobrecer nosso repertório cultural. O que parece único para nós pode ter sido mais comum para o público antigo e menos provável que tenha desencadeado um padrão alusivo para os leitores antigos.

Tipologia, intertextualidade e intenção autoral

Na interseção do debate sobre a relação entre intertextualidade e tipologia está a questão da intenção autoral. De fato, a questão da intenção autoral é fundamental para a compreensão da natureza da tipologia e é uma linha que divide os estudiosos na área. As diversas posições sobre o uso do AT pelo NT são definidas pelos ponto de partida hermenêutico: do AT para o nome (intenção autoral primária), do NT para o AT (intenção

autorial secundária), do leitor para o AT (sem consideração à intenção autoral). Como sugere Watts (2020, p. 157), "um caminho metodológico que lê para frente, em vez de para trás" parece estar em conformidade com o a evidência proveniente tanto do AT quanto do NT.

Do ponto de vista do AT, há evidências de que "a tipologia não é uma imposição posterior sobre a Bíblia Hebraica, mas um recurso claramente encontrado e desenvolvido em suas páginas" (Whitfield, 2013, p. 75). De fato, já no AT existem indicações de que os profetas interpretam a história de Israel como movendo-se teleologicamente em direção ao seu fim; por exemplo, o AT antecipa um novo Moisés, porém maior (cf. Dt 18:15–19), um êxodo escatológico (cf. Is 40–55), um novo templo (cf. Ez 40–48) e um novo Davi, porém maior (cf. Is 9:6ff; Jr 23:5ff; 30:9; 33:14ff; Ez 34:23–24; 37:24ff). Como esses exemplos mostram existem vários casos de desenvolvimento tipológico dentro do próprio AT. Assim, tipologia não é uma novidade dos autores do NT.

Instrutivamente, Johnson (2017) identifica três características da hermenêutica autoral do NT que possuem precedentes na hermenêutica interna do AT: (1) investe eventos e instituições físicas com significado espiritual simbólico; (2) retrata eventos redentores futuros com imagens extraídas de atos passados de Deus na criação e na salvação; e (3) testemunha a incompletude da redenção acessível por meio de suas próprias instituições, direcionando os anseios do povo de Deus para uma salvação e um Salvador futuros.

A partir da perspectiva do NT, Carson (2004, p. 411) apresenta um bom argumento ao demonstrar que "no que diz respeito a Paulo, a conversão a Cristo remove o véu para permitir que o leitor veja o que realmente está lá". A relação paradoxal entre mistério e cumprimento encontra sua resolução, ao menos parcialmente, na tipologia.

Algumas questões poderiam ser levantadas neste ponto. Pode-se apenas imaginar que tipo de persuasão o autor do NT imprimiria sobre seu público se estivesse inventando um sentido diferente daquele pretendido pelos profetas. Por que Deus usaria autores humanos para revelar verdades que eles não seriam capazes de compreender de modo algum? Que valor tem o AT se o seu significado só pode ser compreendido a partir do NT?

Parece mais adequado admitir que os autores bíblicos estavam conscientes do sentido prospectivo (*forward-pointing*) dos tipos e da existência de tipos, ainda que não pudessem estar conscientes dos contornos ou desenvolvimentos completos da relação

entre tipo e antítipo. Por esse motivo, o modelo intertextual proposto por Kristeva, praticado por muitos no campo das ciências literária, é inadequado para abordar o fenômeno da tipologia bíblica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tarefa de estudar tipos envolve a determinação de paralelos e alusões literárias, de modo que os intérpretes devem ter claros critérios em mente para evitar encontrar correspondência onde não há, uma tendência generalizada de muitos estudos tipológicos tem sucumbido. Diante da complexidade que envolve a identificação de paralelos genuínos ou alusões literárias, os critérios não podem ser considerados mais do que indicações preliminares que devem levar o leitor das Escrituras a uma análise mais detalhada.

Hamilton (2014, p. 24) lembra: "o fato de nos armarmos com critérios, no entanto, não significa que todas as perguntas estejam respondidas [...] Não há substituto para a leitura longa, lenta e paciente dos textos em suas línguas originais, complementada pela reflexão meditativa sobre eles". Em suma, não há constantes matemáticas para qualquer forma de arte. Uma vez que a exegese é uma forma de arte e ciência ao mesmo tempo, isso também se aplica a ela.

Embora a intertextualidade seja um fenômeno inegável na Escrituras, sua definição acdêmica clássica é incompatível com o estudo tipológico do Antigo e Novo Testamentos. Pois o último depende da uma clara intenção autoral que se torne evidente através da aplicação de critérios mais objetivos. Algo impossível ou pelo completamente desnecessário na visão pós-estruturalista de intertextualidade. Assim, intertextualidade é mais últil para tipologia como ferramenta do que como conceito.

REFERÊNCIAS

ALLEN, Graham. **Intertextuality**. London: Routledge, 2000.

BEAL, Timothy K. Intertextuality. *In*: ADAMS, A. (ed.). **Handbook of Postmodern Biblical Interpretation**. St. Louis, MO: Chalice, 2000.

BERGLAND, Kenneth. **Reading as a Disclosure of the Thoughts of the Heart**: Proto-Halakhic Reuse and Appropriation between Torah and the Prophets. 2018. Tese (Doutorado em Teologia) – Seventh-day Adventist Theological Seminary, Andrews

University, Berrien Springs, 2018.

CARR, David M. The Many Uses of Intertextuality in Biblical Studies: Actual and Potential. *In*: NISSINEN, Martti (org.). **Congress Volume Helsinki 2010**. Leiden, Holanda e Boston: Brill, 2012.

CARSON, D. A. Mystery and fulfillment: toward a more comprehensive paradigm of Paul's understanding of the Old and the New. *In*: CARSON, D. A.; O'BRIEN, Peter T.; SEIFRID, Mark A. (ed.). **Justification and variegated nomism**. Grand Rapids: Eerdmans, 2004. v. 2, p. 393-436.

CHARLESWORTH, James H. Intertextuality: Isaiah 40:3 and the Serek Ha-Yahad. *In*: EVANS, Craig A.; TALMON, Shemaryahu (ed.). **The Quest for Context and Meaning**: Studies in Biblical Intertextuality in Honor of James A. Sanders. Leiden; New York, NY; e Köln, Germany: Brill, 1997.

DAVIDSON, Richard M. **Typology in Scripture**: A Study of Hermeneutical *τύπος* Structures. Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1981.

ESLINGER, Lyle M. Inner-Biblical Exegesis and Inner-Biblical Allusion: The Question of Category. **Vetus Testamentum**, v. 42, 1992. Disponível em: https://doi.org/10.2307/1519119. Acesso em: 23 jan. 2026.

FISHBANE, Michael. Types of Biblical Intertextuality. *In*: LEMAIRE, A.; SÆBØ, M. (ed.). **Congress Volume Oslo 1998**. Leiden, The Netherlands; Boston, MA; Köln, Germany: e Brill, 2000. Disponível em: https://doi.org/10.1163/9789004276055_005. Acesso em: 23 jan. 2026.

HAMILTON, James M. **Typology**: Understanding the Bible's Promise-Shaped Patterns: How Old Testament Expectations Are Fulfilled in Christ. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2014.

HEBEL, Udo J. **Intertextuality, Allusion, and Quotation**: an International Bibliography of Critical Studies. Nova York, NY: Greenwood, 1989.

JOHNSON, Dennis E. **Him We Proclaim**: Preaching Christ from All the Scripture. Phillipsburg: P&R Publishing Company, 2017.

KELLY, Joseph Ryan. Identifying Literary Allusions: Theory and the Criterion of Shared Language. *In*: ZEVIT, Ziony (org.). **Subtle Citation, Allusion, and Translations in the Hebrew Bible**. Sheffield, Reino Unido; Bristol, CT: Equinox, 2017.

KRISTEVA, Julia. **Desire in Language**: A Semiotic Approach to Language and Art. New York, NY: Columbia University Press, 1980.

LYONS, Michael A. **From Law to Prophecy**: Ezekiel's Use of the Holiness Code. Nova York, NY: T&T Clark, 2009.

MISCALL, Peter D. Isaiah New Heavens, New Earth, New Book. *In*: FEWELL, Danna N (org.). **Reading between Texts**: Intertextuality and the Hebrew Bible. Louisville, KY:

Westminster John Knox, 1992.

MOYISE, Steve. Intertextuality and historical approaches to the use of scripture in the New Testament. *In*: HAYS, Richard B.; ALKIER, Stefan; HUIZENGA, Leroy A. (org.). **Reading the Bible intertextually**. Waco: Baylor University Press, 2009. p. 3-22.

NEUSNER, Jacob. **Canon and Connection**: Intertextuality in Judaism, SJ. Lanham, MD: University Press of America, 1987.

NIELSEN, Kirsten. Intertextuality and Hebrew Bible. *In*: LEMAIRE, André; SÆBØ, Magne (ed.). **Congress Volume Oslo 1998**. Leiden: Brill, 2000. p. 17-31. Disponível em: https://doi.org/10.1163/9789004276055_003. Acesso em: 23 jan. 2026.

OROPEZA, B. J.; MOYISE, Steve (orgs.). **Exploring Intertextuality**: Diverse Strategies for New Testament Interpretation of Texts. Eugene, OR: Cascade, 2016.

PAULIEN, Jon. **Allusions, exegetical method, and the interpretation of Revelation 8:7-12**. 1987. 582 f. Tese (Doutorado em Teologia) – Andrews University, Berrien Springs, 1987. Disponível em: https://dx.doi.org/10.32597/dissertations/123. Acesso em: 23 jan. 2026.

RAJ, P. Prayer Elmo. Text/texts: interrogating Julia Kristeva's concept of intertextuality. **Ars Artium**, v. 3, p. 77-80, jan. 2015. Disponível em: https://arsartium.org/wp-content/uploads/2018/09/14.-TextTexts-Interrogating-Julia-Kristevas-Concept-of-Intertextuality-by-P.-Prayer-Elmo-Raj.pdf. Acesso em: 23 jan de 2026.

SCHULTZ, Richard L. Intertextuality, canon, and "undecidability": understanding Isaiah's "new heavens and new earth" (Isa 65:17–25). **Bulletin for Biblical Research**, v. 20, n. 1, p. 19-38, 2010. Disponível em: https://doi.org/10.2307/26423962. Acesso em: 23 jan.

SOMMER, Benjamin D. **A Prophet Reads Scripture**: Allusion in Isaiah 40-66. Stanford, CA: Stanford University Press, 1998.

TOOMAN, William A. **Gog of Magog**: Reuse of Scripture and Compositional Technique in Ezekiel 38–39. Tübingen: Mohr Siebeck, 2011.

VASSAR, John S. **Recalling a Story Once Told**: An Intertextual Reading of the Psalter and the Pentateuch. Macon, GA: Mercer University Press, 2007.

VOELZ, James. Multiples Signs and Double Texts: Elements of Intertextuality. *In*: DRAISMA, Sipke (ed.). **Intertextuality in Biblical Writings**: Essays in Honour of Bas van Iersel. Kampen, Holanda: Uitgeversmaatschappu J.H. Kok, 1989.

WATTS, Rikk. Rethinking context in the relationship of Israel's scriptures to the NT: character, agency, and the possibility of genuine change. *In*: ALLEN, David; SMITH, Steve (ed.). **Methodology in the use of the Old Testament in the New**: context and criteria. London: T&T Clark, 2020.

WHITFIELD, Bryan J. **Joshua Traditions and the Argument of Hebrews 3 and 4.** Berlin e Boston: De Gruyter, 2013.

WOLDE, Ellen van. Trendy intertextuality? *In*: DRAISMA, Sipke (org.). **Intertextuality in Biblical writings**: essays in honour of Bas van Iersel. Kampen: Uitgeversmaatschappij J. H. Kok, 1989. p. 43-49.

Submetido em: ??/??/????

Aprovado em: ??/??/????

DOI: https://doi.org/10.19141/1809-2454.kerygma.v20.n1.pe2056